



O BLOG COMO (HIPER)GÊNERO DISCURSIVO E SUA INCLUSÃO NOS CURRÍCULOS ESCOLARES

Paula Crespo Halfeld¹

RESUMO

Este trabalho analisa a natureza genérica do blog com base no conceito de hipergênero e discute sua inclusão no rol de gêneros discursivos estudados nas escolas. A perspectiva adotada na análise é a que considera o gênero uma forma de ação social, situado em um contexto histórico e cultural específico. A partir das noções de gênero segundo Bakhtin (1979), Marcuschi (2010a, 2010b, 2011), Miller (1994) e Bonini (2003, 2011a, 2011b), e do exame da origem e difusão dos blogs, foi possível atribuir a essas páginas digitais o estatuto de hipergêneros e confirmar a pertinência de sua abordagem nas escolas, sobretudo no que se refere à diversidade de nuances enunciativas que nelas se manifestam.

PALAVRAS-CHAVE: blog; gênero; hipergênero; ensino.

ABSTRACT

This paper analyzes the generic nature of the blog based on the concept of “hipergender”, and discusses their inclusion in the list of genres studied in schools. The perspective adopted in the analysis is that considers gender a form of social action, located in a specific historical and cultural context. From the gender notions according to Bakhtin (1979), Marcuschi (2010a, 2010b, 2011), Miller (1994) and Bonini (2003, 2011a, 2011b), and the examination of the origin and spread of blogs, we could assign to these digital pages the status of “hipergenres” and confirm the relevance of their approach in schools, particularly with regard to the diversity of their enunciative nuances.

KEYWORDS: blog; gender; “hipergender”; teaching.

1. Introdução

O processo evolutivo da internet e o advento da chamada Web 2.0 mudaram os modos de interação dos usuários na rede e abriram espaço para a manifestação de novas formas de ação social.

¹ Doutoranda em Língua Portuguesa pelo Departamento de Letras Vernáculas da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: paula.halfeld@gmail.com.

Se antes as informações eram disponibilizadas de modo estático, sem prever a participação do público no conteúdo apresentado, agora é possível acessar e publicar informações de forma mais rápida e fácil, sem a necessidade de domínio de programação de software ou de outro conhecimento mais técnico. Interatividade passa a ser palavra de ordem, e o usuário pode participar ativamente da construção e publicação de conteúdo na rede.

Nesse contexto de popularização dos meios de publicação na internet surgem, na década de 1990, os weblogs ou blogs: páginas pessoais da Web que podem ser criadas por qualquer pessoa interessada em compartilhar interesses, opiniões e detalhes da vida pessoal. Mais tarde, com o desenvolvimento e profissionalização dessas páginas, outras temáticas são agregadas aos blogs, ultrapassando o caráter meramente confessional que marcou sua origem.

Entendendo o blog como legítima forma de ação social (BAKHTIN, 1979; MILLER, 1994; MARCUSCHI, 2010a, 2010b, 2011), este trabalho tem o propósito de examinar a natureza genérica dessas páginas virtuais a partir da concepção de hipergênero (BONINI, 2003, 2011a, 2011b) e de refletir sobre sua inserção no ensino dos gêneros discursivos nas escolas. Para isso, em um primeiro momento, traçaremos sucintamente um panorama histórico dos weblogs, destacando sua origem e propagação, para, em seguida, discutirmos a noção de gênero e de hipergênero e sua relação com nosso objeto de estudo. Por fim, refletiremos sobre a necessidade de inclusão dos blogs no rol de gêneros discursivos estudados nas escolas e sobre formas de abordagem didática desse (hiper)gênero tão plural e multifacetado.

2. Blog: origem e popularização

A origem do blog remonta ao ano de 1992, quando Tim-Berners Lee cria a página virtual denominada *What's new in '92*, com o objetivo de divulgar as novidades tecnológicas do universo da Web. Nesse primeiro momento, o blog consistia em uma página com vários *links* para navegação em outras páginas, seguidos de comentários pessoais do autor. Mais tarde, com a difusão de serviços de edição e publicação de conteúdo on-line, que dispensavam conhecimentos aprofundados sobre programação (como o Blogger.com, primeira ferramenta popular de criação de blogs, lançada em 1999), o blog passou a se popularizar e a adquirir caráter mais confessional, aproximando-se, a princípio, de uma espécie de diário íntimo na internet.

Há autores que, tendo em vista a dinamicidade inerente aos gêneros discursivos, consideram o blog o produto de uma evolução do gênero diário de papel (cf. Marcuschi [2010a; 2010b], Pimentel [2010], Schittine [2004]). Em contraste com essa visão, Komesu (2005) reafirma a preocupação em não reproduzir uma ideia “simplificadora” que considera o blog fruto das transformações sofridas pelo diário íntimo. Para a autora, essa visão estaria em consonância com uma tese pautada na “continuidade”. Seguindo uma concepção sócio-histórica e dialógica de linguagem, a pesquisadora assevera que o blog emerge em um tempo diferente, que privilegia outros modos de enunciação e de exposição pública. Defende, então, a tese da “descontinuidade”, priorizando a revelação das especificidades do novo gênero a partir de suas condições de produção – e não de uma trajetória “evolutiva” dos escritos íntimos. Acompanhamos o pensamento da autora por entendermos que, na qualidade de gênero que resguarda uma infinidade de possibilidades temáticas (além da confessional), o blog assume outras funcionalidades e constitui formas de ação social distintas daquelas que caracterizam o diário íntimo.

O termo original *weblog* foi cunhado pelo colunista de internet Jorn Barger e é proveniente da junção das palavras *Web* (rede mundial de computadores) e *log* (diário de bordo), o que reflete um paradoxo inerente ao próprio formato que originalmente tomara: um diário pessoal e íntimo que, todavia, é revelado na internet, tornando-se público, aberto, conhecido por qualquer um que manifeste interesse em acessar aquela página virtual. Esse jogo de aparente contradição entre o público e o privado que marca a origem do blog também foi observado por Komesu (2005), que define o gênero como um “modo de enunciação caracterizado por um jogo entre a publicização de si e a intimidade construída na escrita dos blogueiros” (p. 29) e que pressupõe necessariamente a presença de um outro – o leitor.

Porém, com a popularização e a própria evolução do gênero, o blog passou a incorporar outras roupagens e a ultrapassar os limites da temática puramente confessional. Abriu-se espaço para os blogs educacionais, jornalísticos, de aconselhamento, de moda e beleza, de artes, de viagens e lazer, de tecnologia, dentre muitos outros, o que ilustra a dinamicidade e a heterogeneidade inerente aos gêneros discursivos (sobretudo aos digitais). Em matéria publicada na revista *Época*, de 7 de agosto de 2006, os jornalistas Ricardo Amorim e Eduardo Vieira já sublinhavam o fator interativo como uma das grandes promessas dos blogs, ao lado da liberdade de expressão propiciada pelas facilidades de criação da página e pela ausência de uma regulação editorial, tal como ocorre nos periódicos impressos e televisivos, por exemplo².

(...) os blogs tornaram realidade duas promessas da internet. A primeira é a liberdade de expressão. Por meio de uma ferramenta simples, qualquer um pode escrever o que quiser em seu blog. Ele potencialmente será lido por qualquer habitante da Terra que fale a mesma língua e tenha acesso à rede. A segunda promessa é a interatividade. Assim que um blogueiro escreve um texto, ele pode receber comentários. Graças a isso, a ferramenta que parecia servir apenas para alguém escrever as próprias opiniões e saber o que os amigos achavam transformou-se em algo muito mais poderoso. Hoje, os blogs deixaram de ser meros “diários on-line”. Eles dão notícias, contam piadas, criam arte e podem ser considerados até literatura. Ou fazem tudo isso ao mesmo tempo. (...) Os blogs interferem na cultura, na carreira, nas empresas, na política, enfim, em todas as áreas da vida (AMORIM; VIEIRA, 2006).

Para estabelecer e manter um contrato de comunicação com o leitor, o autor do blog deve atentar para alguns elementos próprios desses escritos. Em geral, os blogs apresentam uma compilação de textos (comumente chamados de *posts*) organizados segundo uma cronologia inversa (dos mais recentes para os mais antigos) a partir de um endereço próprio para acesso dentro da rede. A “memória” do blog, ou seu “arquivo”, pode ser organizada com base no tema ou na cronologia (textos organizados por semanas, meses e anos), e esses textos podem ser acessados a partir de uma busca interna na própria página, seguindo os moldes de um buscador comum, como o Google. Também não é raro encontrar em blogs uma relação de outras páginas com as quais o autor se identifica e/ou dialoga e cujo conteúdo se assemelha ao do próprio blog.

Além disso, há algumas informações básicas presentes nos blogs que funcionam como elementos garantidores do acordo de leitura entre autor e leitor: a publicação de uma pequena biografia do

2 Convém ressaltar que essa liberdade de expressão e publicação de que dispõe o autor do blog não deixa de estar condicionada às restrições sócio-históricas e culturais constituintes de todo discurso. Assim, não se pode perder de vista que o rompimento de certas barreiras técnicas à criação, reprodução e publicação de conteúdos não implica a emergência de uma liberdade de expressão total e irrestrita.

autor do blog, com o fim de instituir a identidade de quem escreve e de contextualizar o que é escrito; a descrição sucinta do conteúdo da página, definindo sua temática; o espaço para que os leitores do blog se manifestem por meio de comentários, nos quais podem exprimir suas opiniões, sugestões e críticas, assumindo o papel de coautores, dentre outras informações. Ao examinar a configuração linguística de blogs pessoais escritos por adolescentes, Pimentel (2010) sublinha esse contrato de coautoria estabelecido entre autor e leitor no gênero digital em questão:

É nessa perspectiva dialógica que o leitor do blog se constitui como coautor do texto que se constrói. Um *post* é sempre seguido de comentários que o complementam ou respondem a ele. O autor do blog escreve contando com essa participação ativa do leitor, desejando que sua produção não se torne um monólogo. Delineia-se, assim, a figura do leitor-autor (PIMENTEL, 2010, p. 69).

Com o fim de sustentar esse contrato e manter uma relação “fiel” com o leitor, muitos blogueiros consideram fundamental publicar conteúdo na internet diariamente e responder a todos os comentários de leitores com a devida atenção de modo que estes se sintam “acolhidos”. Essa preocupação com a fidelidade do público se explica, por um lado, pela própria essência interativa desse gênero digital, que se sustenta na relação de coautoria, e, por outro, pela necessidade de manutenção da publicidade nos blogs, responsável por gerar retorno financeiro a seus autores – os quais muitas vezes profissionalizam seus sites e assumem a atividade de blogueiro como profissão. É sobre este último ponto que versará o tópico a seguir.

3. A profissionalização dos blogs

Em alguns casos, o blog é criado para funcionar apenas como uma espécie de diário pessoal ou de registro de ideias, mas, com o tempo e com a abertura do site para a publicidade, seu autor passa a angariar lucros com a página e muitas vezes abandona seu emprego anterior para se dedicar exclusivamente à nova atividade.

A monetização³ dos blogs, em geral, pode ser realizada de diversas formas: por meio da publicação de propagandas das marcas parceiras na página principal do blog sob a forma de pequenas caixas de texto; pela publicação da cobertura de eventos promovidos pelas marcas, aos quais comparecem os blogueiros convidados; ou ainda por meio dos chamados *publieditoriais*: textos que apresentam a opinião do autor do blog com relação a um produto específico em troca de uma remuneração. Os blogs de moda e beleza são os que mais fazem uso desses meios de monetização e sustento financeiro, justamente em virtude do apelo que têm com um público consumidor em potencial, que, por sua vez, espera sempre contar com as dicas e conselhos dos blogueiros com relação às últimas tendências de moda ou aos melhores tipos de produtos para a pele, dentre outros interesses explorados em blogs dessa natureza. O Google AdSense⁴ é um serviço bastante popular entre pessoas que assinam conteúdos on-line e têm interesse em lucrar com propaganda. A ferramenta indexada ao site exibe anúncios relacionados ao conteúdo dos blogs e remunera o blogueiro a cada clique que seus leitores derem na propaganda.

3 O termo “monetização” é bastante comum no universo dos blogs e páginas eletrônicas em geral e se refere às formas de “geração de receita por um blog ou qualquer outro site de conteúdo através da inserção de anúncios, links ou qualquer outro tipo de parceria que gere uma receita para o site”, segundo página do Google AdSense, programa de afiliados que reúne empresas interessadas em publicar seus anúncios em sites e blogs. O programa é responsável por distribuir esses anúncios entre as páginas que o contratam e por remunerar o autor do site segundo a quantidade de exibições da propaganda e os cliques dados pelos leitores.

4 Outras informações sobre o serviço podem ser obtidas em: <<http://www.google.com.br/adsense/start/>>.

Komesu (2005) já atentava para essa mercantilização introduzida nos blogs quando analisava páginas de caráter confessional. A autora constatou que as informações pessoais tornadas públicas nessas ferramentas adquiriam valor de troca para a publicidade de empresas interessadas no público-leitor das páginas. A intimidade exposta na rede atrai um público que não só se constitui como leitor e comentarista dos fatos narrados, mas também como consumidor em potencial de produtos e marcas. Estas, por seu turno, adquirem informações sobre gostos e preferências desse público por meio da interação estimulada nos blogs.

Se pensarmos que as informações pessoais são tidas como valor de troca para a criação publicitária de comerciais, talvez a privacidade dos usuários de blogs não seja mais um direito, mas uma *mercadoria* a ser negociada no universo digital. De um valor privado – o direito à privacidade –, passa-se a um *valor de mercado*, público, portanto, o da *mercadoria* (KOMESU, 2005, p. 87).

Essa passagem da privacidade de um “valor privado” para um “valor de troca” se reflete na própria organização gráfica dos blogs, que comumente apresentam links de acesso a outras redes sociais usadas por seus autores, bem como a páginas de propagandas de produtos relacionados a seus gostos pessoais ou aos temas tratados no site que assinam. Tais características composicionais poderão ser observadas no próximo tópico, dedicado à análise da natureza genérica do blog.

4. A natureza (hiper)genérica do blog

No que concerne à natureza genérica do blog, o estudo aqui desenvolvido acompanha o conceito de gênero preconizado por Bakhtin (1979), que o define como um texto situado histórica e socialmente, culturalmente sensível, recorrente e relativamente estável no âmbito estilístico e composicional.

Embora as considerações de Bakhtin tenham guiado inúmeras análises sobre os gêneros textuais e discursivos, Marcuschi (2011) atenta para o fato de que em muitas delas houve uma interpretação “incongruente” das ideias do filósofo. Para o linguista, muitos estudiosos enfatizam o caráter “estável” dos gêneros, quando, na verdade, Bakhtin intencionava destacar o termo “relativamente”, e não “estável”. Dado o caráter histórico, social e cultural dos gêneros, a noção de relatividade resguardaria melhor a dinamicidade e a fluidez de seus limites, ao passo que a noção de estabilidade estaria restrita a aspectos puramente formais.

Desde que não concebamos os gêneros como modelos estanques nem como estruturas rígidas, mas como formas culturais e cognitivas de ação social corporificadas de modo particular na linguagem, veremos os gêneros como entidades dinâmicas. Mas é claro que os gêneros têm uma identidade e eles são entidades poderosas que, na produção textual, nos condicionam a escolhas que não podem ser totalmente livres nem aleatórias (...) (MARCUSCHI, 2011, p. 18).

Com isso, o autor destaca a impossibilidade de catalogação dos gêneros, afirmando ser menos importante analisar forma e estrutura do que a organização e as ações sociais desenvolvidas (MARCUSCHI, 2011, p. 30), o que vai ao encontro das considerações de Miller (1994), quando enfatiza que o gênero, na medida em que reflete a experiência de seus usuários, constitui uma forma de ação social. Essa dinamicidade própria dos gêneros parece se elevar no ambiente virtual, onde interatividade e multimodalidade são palavras-chave. A possibilidade de integração da escrita com imagens, sons e vídeos, e a necessidade de participação ativa do usuário na rede

propiciam o surgimento de novos gêneros, além de tornar suas fronteiras ainda mais maleáveis. Considerando essa fluidez presente na “cadeia” de gêneros, Bonini (2011b) preconiza a existência de um contínuo que vai do gênero ao suporte (definido como portador físico) e que reitera o caráter relativo da estabilidade dos gêneros, tal como sublinhado por Bakhtin (1979). Seguindo essa mesma linha de raciocínio, o autor propõe o conceito de “hipergênero” e o relaciona com as noções de mídia e suporte.

O hipergênero seria uma unidade de interação maior, composta pelo agrupamento de outros gêneros. O autor cita como exemplo o jornal, que funciona como um grande enunciado⁵ no qual se podem encontrar vários gêneros inter-relacionados, como a notícia, as colunas de opinião, as entrevistas – estes definidos como gêneros funcionais, isto é, centrais –, e o editorial, as chamadas, as seções – definidos como gêneros organizadores e, portanto, secundários. Do mesmo modo, os *sites* da internet também são apontados como exemplos de hipergêneros, uma vez que são formados por um conjunto de outros gêneros, como o menu organizador, as apresentações dos objetivos da página, as listas de outros sites relacionados, os anúncios, os *links* etc. Gêneros e hipergêneros, para o autor, se ajustam aos modos de produção e recepção determinados pela mídia, a qual é definida como uma forma tecnológica de mediação da interação linguageira, compondo-se de um ou mais suportes. A mídia não é um grande enunciado, como o hipergênero, mas “um continente para os enunciados” (BONINI, 2011b, p. 693).

Já no que se refere ao suporte, Bonini (2003, 2011a, 2011b) faz uma distinção entre dois tipos: o físico e o convencionado. O primeiro consiste no suporte em sua definição estrita, como meio físico de veiculação de um gênero, tal como o papel, a placa, o outdoor e a própria internet, com seus provedores e servidores. O segundo, por outro lado, remete aos casos em que há sobreposição de gênero e suporte, isto é, quando um gênero é convencionado como suporte de outro(s), a exemplo do jornal, das revistas e dos *sites*, que, no papel de hipergêneros, funcionam como suportes de outros gêneros, conforme já mencionado anteriormente. Assim, no contínuo gênero/suporte, haveria, segundo o autor, “elementos híbridos” que seriam, a um só tempo, gêneros e também suportes. Os blogs, como legítimas páginas da internet, aproximam-se dessa caracterização de elementos híbridos proposta por Bonini. São gêneros por constituírem entidades dinâmicas de enunciados situados sócio-historicamente, que se instituem como formas culturais de ação social e apresentam *relativa* estabilidade do ponto de vista estilístico e composicional. E são hipergêneros por abrigarem em seu interior outros gêneros discursivos, funcionando como um lócus que os veicula a partir da internet – esta, um suporte no sentido estrito.

No exemplo abaixo, retirado da página *Morando sozinha*, é possível depreender essa hibridização característica do (hiper)gênero blog. Na parte superior da página, abaixo do logotipo do blog, o menu principal agrupa suas categorias temáticas (“por onde começar”; “faça você mesma”; “receitas”; “leitura”; “finanças”; “organização”; “para baixar”; “shop”), funcionando como um gênero organizador dos diversos assuntos tratados no site, à semelhança de um arquivo com suas pastas separadas por temas.

5 Bonini (2011b) adota a concepção de enunciado preconizada por Bakhtin (1953), que atribui ao termo duas características essenciais: a) a alternância dos sujeitos do discurso, e b) a conclusibilidade, isto é, a completude de sentido capaz de conferir ao outro a possibilidade de responder, instituindo um espaço de interação entre os sujeitos.

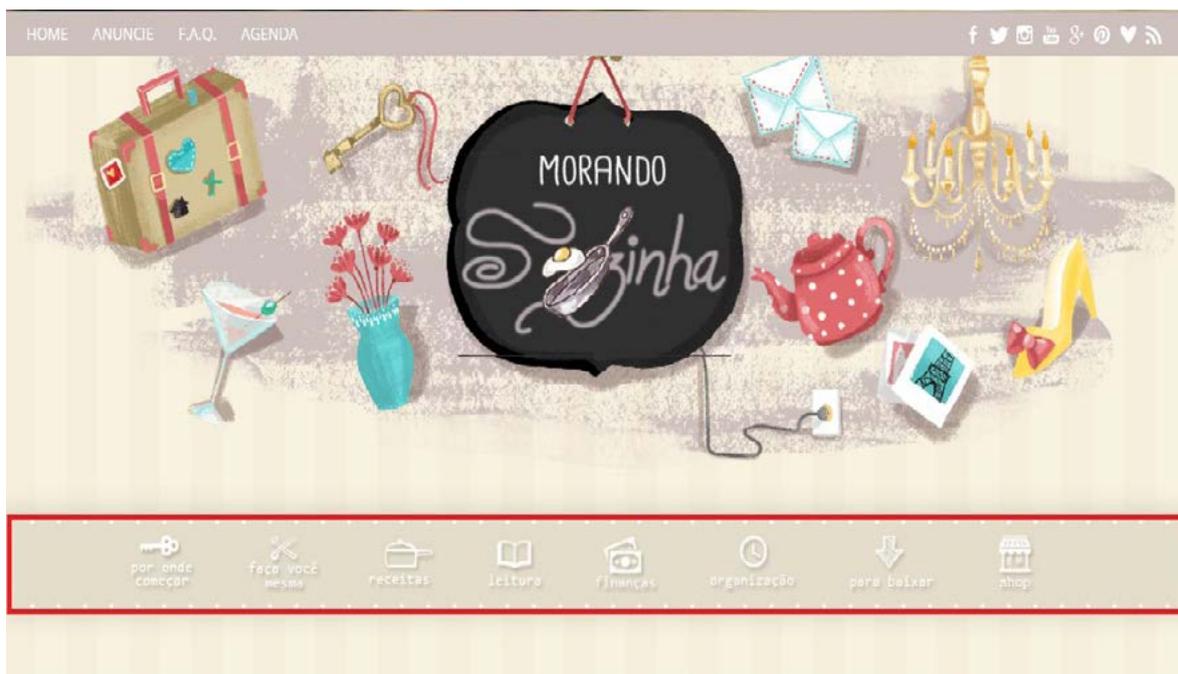
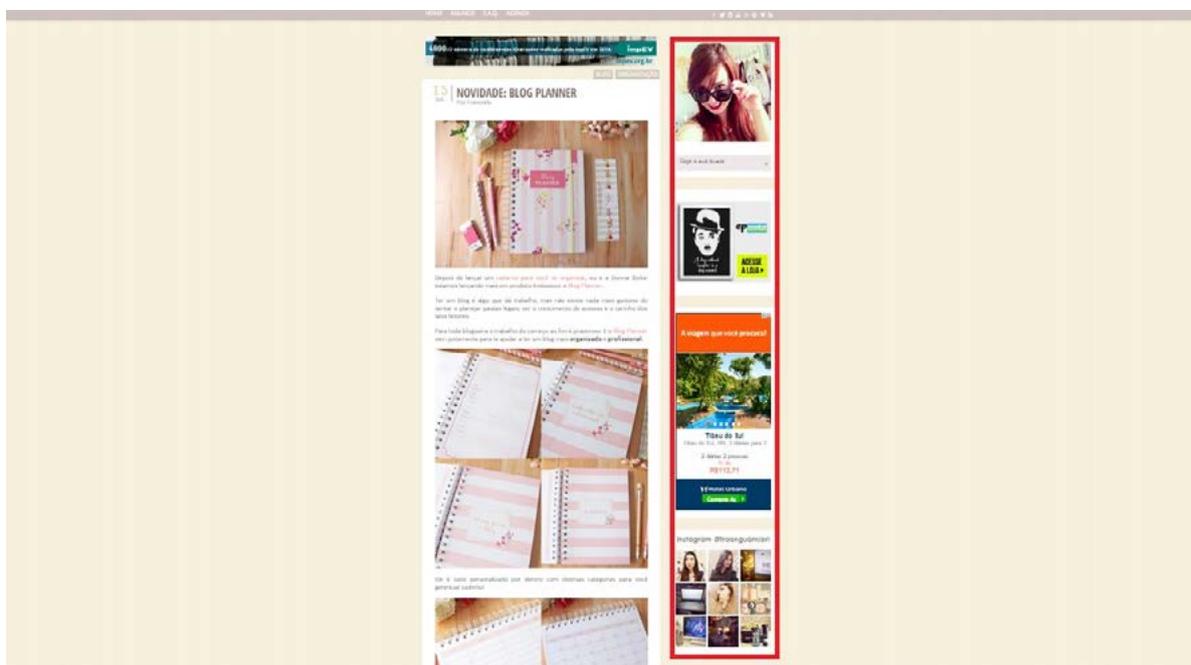


Figura 1: Menu organizador do blog *Morando sozinha* em 15 de julho de 2015 (grifo nosso).



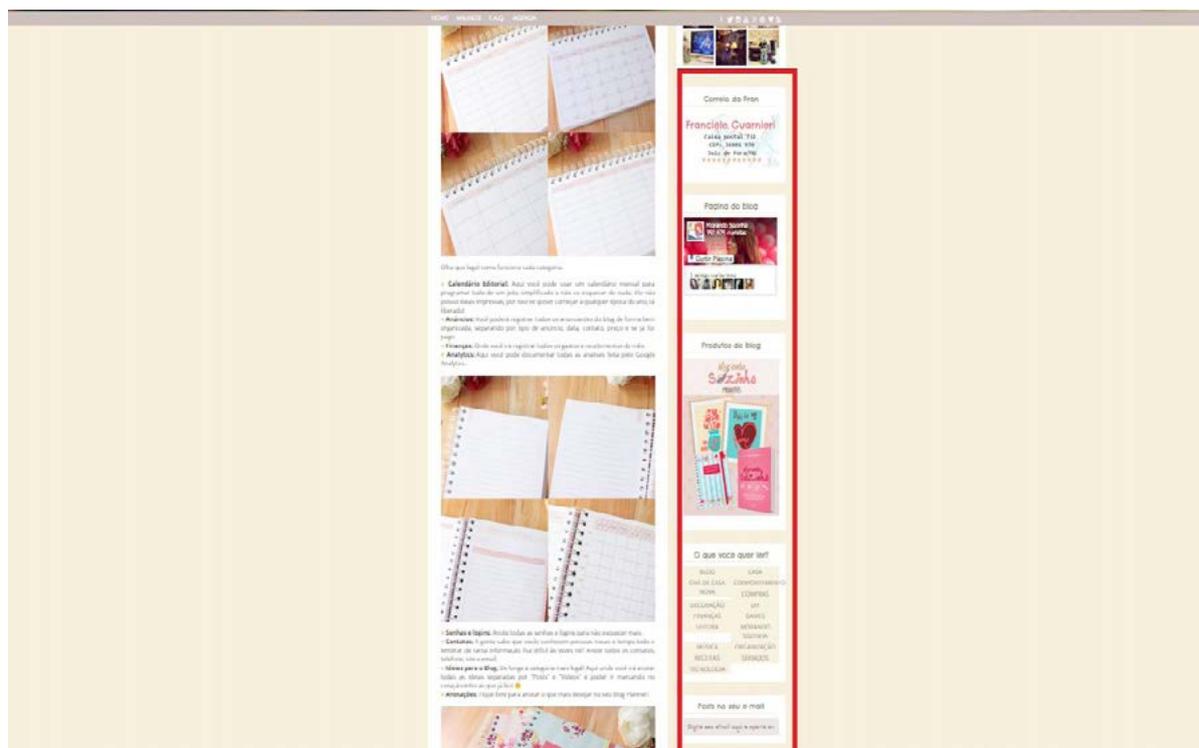


Figura 2: Gêneros periféricos na lateral direita do blog *Morando sozinha* em 15 de julho de 2015 (grifo nosso).

Já na lateral direita da página, localizam-se alguns gêneros periféricos: um campo para buscas no *site*; algumas propagandas; uma relação de fotos da autora publicadas em outra rede social; um texto informativo com dados da caixa postal do blog; *links* do perfil da autora em redes sociais; *link* para acesso aos produtos vinculados à página; lista de temas de interesse do leitor com *links* que o direcionam aos arquivos do blog. A presença desses gêneros periféricos vai ao encontro da necessidade tanto de movimentar constantemente a página, com o acesso de leitores a postagens mais antigas, quanto de garantir a facilidade de acesso às propagandas publicadas no *site*, que respondem por sua profissionalização e manutenção financeira. Além disso, também atende à necessidade de promoção da imagem da autora do blog, que, com isso, tem a possibilidade de conquistar mais seguidores para seu sítio virtual.

No centro da página do mesmo blog, há um texto datado e assinado, sobre o lançamento de um produto vinculado à marca *Morando sozinha*: um blog *planner*, espécie de caderno de organização direcionado a blogueiros. Diferentes dos gêneros destacados anteriormente, este constitui um gênero funcional, central na composição do blog, já que concentra as informações principais direcionadas aos leitores naquele momento.

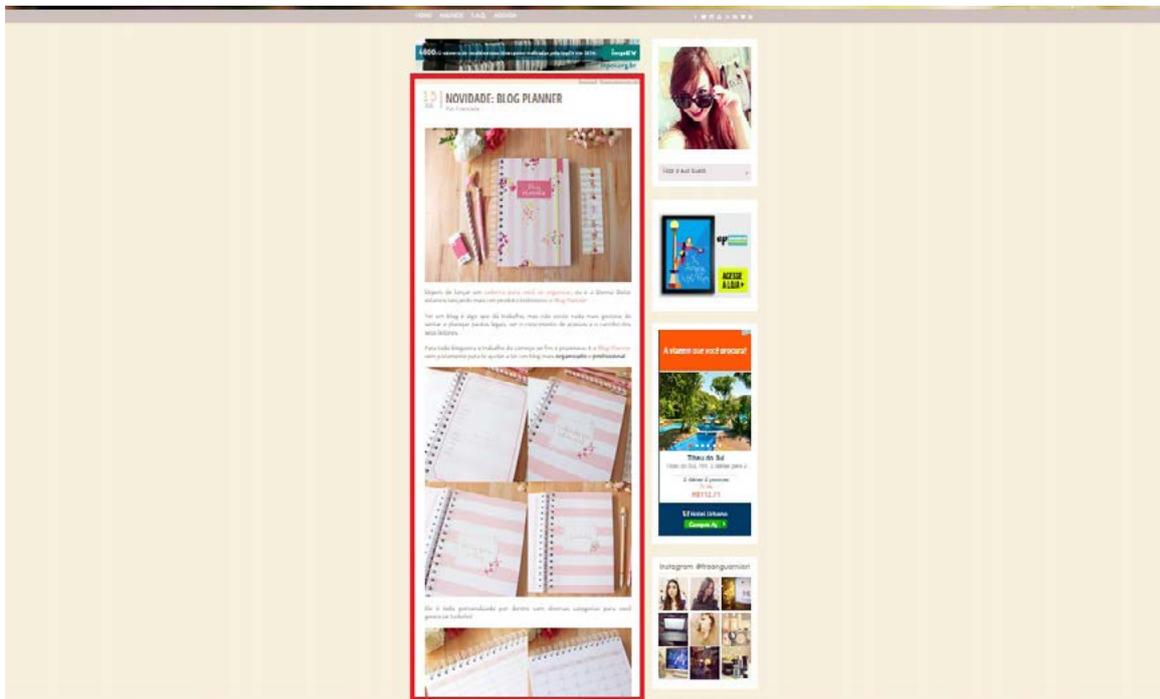


Figura 3: Texto publicado em 15 de julho de 2015 no blog *Morando sozinha* (gênero central da página; grifo nosso).

O traço híbrido conferido aos blogs se verifica também com a diversidade temática que o (hiper) gênero prevê e que lhe permite abrigar textos comumente atribuídos a outros gêneros. Os blogs jornalísticos e de opinião, por exemplo, muitas vezes exibem textos que poderiam figurar como artigos de opinião em algum periódico impresso, ou textos que se aproximam das notas rápidas de jornal, úteis aos leitores mais apressados.

O texto a seguir, retirado do blog de opinião *Maldade destilada*, seguindo uma estrutura argumentativa para a defesa de algumas teses (a necessidade de revogação do estatuto do desarmamento; o fato de o PT defender a violência de governos de esquerda, como o da Venezuela; a necessidade de o povo brasileiro atentar para essa realidade), funciona como um legítimo artigo de opinião. Porém, um artigo de opinião publicado dentro de outro gênero, o blog, responsável justamente por lhe conferir a liberdade necessária a um discurso mais direto, incisivo e mesmo panfletário, que convida e incita o leitor a reagir às “intenções” petistas. Um discurso que, se veiculado em uma revista impressa, por exemplo, talvez tivesse o tom caloroso amenizado pela mediação presente nos veículos de comunicação tradicionais. Os avisos e os enunciados injuntivos, como: “Não podemos esperar até que esses criminosos tenham todas as armas consigo (...)”; “Acorda Brasil! Não dá para sermos cordeirinhos!”; “Quando os assassinos armados chegarem à sua porta já será tarde demais para reagir”; “Chega dessa baboseira sem sentido que é propagada pela mídia e pelo governo”; “Estejamos prontos para reagir”, ilustram esse tom caloroso, imperativo e incitador do discurso proferido.

Blog: Maldade destilada

25/02/2015

BrazuelaPublicado em 25/02/2015 por [flavioquintela](#)

A Anistia Internacional deixou claro em seu relatório anual que o governo da Venezuela usou de violência, tortura, assassinato e prisões arbitrárias contra manifestantes no ano de 2014 (veja notícia [aqui](#)), algo que todos já sabíamos. Todos, menos Dilma, Lula e outros petistas repugnantes.

O PT e seus políticos canalhas sempre defenderam a atuação do governo de Maduro, e em nenhum momento condenaram seus atos imorais e absurdos, muito pelo contrário – ao fazerem defesa pública da “democracia venezuelana”, trataram o assassinato de manifestantes como algo banal.

Esse comportamento petista, essa maneira doente de pensar, pôde ser visto ontem em ação, quando os militantes do partido, que apoiavam Lula em mais uma defesa pública de criminosos (desta vez defendiam os corruptos que destruíram a Petrobrás), agrediram manifestantes contrários ao partido.

Não podemos esperar até que esses criminosos tenham todas as armas consigo, e comecem a fazer exatamente como na Venezuela e em tantos outros regimes marxistas. Se chegar a esse ponto, não haverá poder de resistência. É mais importante do que nunca, em toda a história brasileira, que o estatuto do desarmamento seja revogado, e os brasileiros de bem possam se armar e se preparar para defender sua liberdade. O PT está “vitaminando” sua militância com gente profissional no ofício de agredir, e é uma questão de tempo até que comecem a usar de força letal contra aqueles que são contrários ao seu partido.

Acorda Brasil! Não dá para sermos cordeirinhos! Quando os assassinos armados chegarem à sua porta já será tarde demais para reagir. Chega dessa baboseira sem sentido que é propagada pela mídia e pelo governo, de que a paz se constrói com pessoas vestidas de branco andando pela rua com plaquinhas. A paz sempre se construiu com luta e guerra, pois aqueles que querem extinguir as liberdades não hesitam em matar e ferir para chegar aos seus objetivos. **Estejamos prontos para reagir** – quem não luta por sua liberdade já morreu por dentro.

Fonte: <https://maldadedestilada.wordpress.com/2015/02/25/brazuela/> (grifos nossos)

Assim, o blog pode abrigar tanto gêneros mais secundários e organizadores, como as listas e menus, quanto gêneros funcionais (principais), que caracterizam os textos com as informações mais importantes. Contudo, sejam funcionais ou organizadores, sejam periféricos ou centrais, todos esses gêneros apresentam propósitos comunicativos específicos e integram o enunciado maior, que os abriga e, ao mesmo tempo, em conjunto com a internet, propicia-lhes um espaço de circulação: o hipergênero blog. Entendemos que essa conceituação de hipergênero é a que melhor contempla a dinamicidade, a heterogeneidade e a multimodalidade marcantes dos gêneros digitais, com destaque para o blog.

Tal abordagem vai ao encontro de uma linha de pensamento que trata os gêneros discursivos sob a ótica da descontinuidade, como já mencionado. Isso significa reafirmar o caráter situa-

do, histórico e cultural dos gêneros, ultrapassando a ideia de que eles são produto da evolução e das transformações de outros gêneros já existentes. Admitimos que o blog, em sua origem, apresentava traços comuns aos do gênero diário íntimo, apesar do “conflito” entre a intimidade da escrita e sua necessária publicização. Porém, por emergir em um contexto sócio-histórico e cultural outro, que mesmo justifica essa aparente contradição entre o público e o privado, e por adquirir características funcionais específicas, ultrapassando os limites do viés confessional de um primeiro momento, o blog constitui um (hiper)gênero próprio, inscrito no intermédio de um contínuo que vai do gênero ao suporte (Bonini, 2003); contínuo este que, por outro lado, é “descontínuo”, por não associar um gênero à simples evolução e desenvolvimento de outro.

Em suma, entendemos que o blog é um hipergênero digital próprio, situado em um contexto histórico e cultural específico e deve ser examinado sob uma perspectiva que privilegia a descontinuidade na análise dos gêneros discursivos.

5. O blog e o ensino dos gêneros discursivos

Não é novidade afirmar que as inovações tecnológicas, em especial a popularização da internet, acarretaram novas formas de ação social e, conseqüentemente, novos gêneros discursivos. Também não é difícil entender que a emergência desses novos gêneros impõe alguns desafios ao ensino de Língua Portuguesa, sobretudo, quando o assunto é texto e discurso.

Diante do desenvolvimento tecnológico e do surgimento da Web 2.0, descrita no item 2 deste trabalho, Dionísio (2011) sublinha a necessidade de revisão e de ampliação do conceito de letramento, que levem em consideração a diversidade de arranjos que a escrita na rede pode assumir dentro de uma configuração multimodal – isto é, que abarca múltiplas semioses (texto, imagem, sons, vídeos etc.).

A autora sustenta que os aspectos visuais que marcam os gêneros multimodais não se restringem a fotografias, pinturas ou desenhos, mas compreendem também a própria disposição gráfica do texto. Como analisado no item 4 deste artigo, os gêneros de função periférica da página *Morando sozinha* estavam dispostos na lateral direita do blog, ou seja, na parte periférica da página, sem que isso, porém, reduzisse seu grau de visibilidade no *site*. Tais gêneros estavam ali dispostos em cumprimento a funções específicas. Sem prejuízo do destaque ao texto principal, que figura no centro da página, esses gêneros “secundários” tinham a finalidade de: garantir o acesso do leitor a outras redes sociais de que a autora do blog faz parte e, com isso, fortalecer a interação entre ambos; garantir também o acesso do público a propagandas que sustentam financeiramente a página; divulgar a caixa-postal do blog para deixar sempre aberto um canal de correspondências mais tradicional; possibilitar, enfim, o fortalecimento da interação entre autor e leitor, bem como divulgar os parceiros comerciais da página.

Diante desses novos padrões discursivos, Vieira (2015) assinala a necessidade de formulação de teorias da linguagem que ensinem o aluno a lidar com os diversos modos de produção de discursos “para que, então, esteja habilitado para o pleno exercício discursivo crítico que os diferentes domínios da vida pública e privada exigem de todos nós” (VIEIRA, 2015, p. 40). Entendemos que uma abordagem em sala de aula centrada nos blogs como hipergêneros discursivos pode contribuir nessa tarefa, sobretudo, por se tratar de um gênero “acessível”, próximo da realidade de grande parte dos alunos de ensino fundamental e médio. Introduzir a noção de hipergênero ou, ao menos,

mostrar ao aluno que os gêneros se situam em um contínuo “descontínuo” (cf. item 4) e que esse traço de descontinuidade deve-se justamente a seu caráter híbrido é um primeiro passo para a compreensão dos gêneros como legítimas ações sociais em constante movimento.

Usando o blog como objeto de estudo, a abordagem didática pode focalizar a diversidade de gêneros que ele resguarda, desde os centrais (os textos principais que caracterizam a temática do blog) até os secundários (menus organizadores, propagandas, links para redes sociais, links para publicação de comentários do leitor etc.), ressaltando o propósito comunicativo de cada um, sobretudo, no que se refere ao fortalecimento da interação entre autor e leitor – talvez um dos traços que mais caracterizam o blog como um (hiper)gênero discursivo específico. Discutir as nuances que separam um blog pessoal de um diário íntimo, por exemplo, ou de um blog de opinião de uma coluna de opinião propriamente dita, também podem fazer parte de uma abordagem dos blogs do ponto de vista genérico. Nesses casos específicos, seria imprescindível ressaltar a relação de coautoria e de cumplicidade estabelecida entre autor e leitor, responsável por instituir uma “intimidade pública” presente nos blogs pessoais (e não nos diários tradicionais de papel), e a liberdade mais alargada para opinar sem possíveis restrições editoriais (o que diferencia o blog da coluna de opinião).

É possível ainda jogar luz sobre as categorias enunciativas empregadas nos textos publicados em blogs como forma de depreender as marcas da presença do enunciador no discurso e da relação que ele estabelece com seu destinatário e com os outros discursos que o circundam. Identificar, por exemplo, as marcas linguísticas de afeto e de pessoalidade (emprego da primeira pessoa do discurso, de adjetivos avaliativos, de apelidos etc.) em um blog confessional, ou as marcas alocutivas (direcionadas ao interlocutor) empregadas para estimular a participação do leitor com comentários em um blog sobre cinema ou moda, certamente ajudariam o aluno a entender as particularidades desse gênero.

Pinton, Reisdorfer e Heineck (2013), com o intuito de aprimorar a abordagem dos gêneros discursivos junto a alunos do ensino fundamental da rede pública de Chapecó (SC), apresentam uma proposta baseada no estudo prévio das condições da escola e do perfil de seus alunos para, então, selecionarem os gêneros a serem estudados. Tal proposta acompanha o seguinte percurso: 1) apresentação do gênero; 2) atividades de leitura, compreensão e análise linguística; 3) produção de uma primeira versão do exemplar de um gênero selecionado pelo professor; 4) avaliação do texto produzido; 5) reescrita do texto. Na primeira etapa, os gêneros são apresentados a partir de eixos temáticos que partem sempre do ponto de vista de quem produz o texto: a) *eu* (autobiografia, relato pessoal); b) *eu e minha turma* (conto, história em quadrinhos); c) *meus medos* (conto de terror, conto de suspense); d) *eu e o mundo* (notícia, reportagem, anúncio, propaganda, crônica, entrevista etc.); e) *o que eu penso sobre o mundo* (artigo de opinião, carta aberta, carta do leitor, resenha).

A aplicação dessa proposta com a inclusão do gênero blog pode ser interessante para mostrar que essas páginas virtuais podem transitar por mais de um dos eixos temáticos apresentados. Como página pessoal e confessional, o blog pode figurar no eixo do “eu”; como página noticiosa (a exemplo de blogs sobre cinema, artes e entretenimento), pode se situar no eixo “eu e o mundo”; já como página opinativa (a exemplo do *Maldade destilada*, citado neste artigo), aproxima-se do eixo “o que eu penso sobre o mundo”. Mostrar essa flexibilidade ao aluno pode ajudá-lo a

compreender a natureza hipergenérica do blog (mesmo que ele não tenha contato direto com esse conceito) e a perceber as diferentes nuances da enunciação que acompanham o propósito comunicativo de cada gênero.

Diversas são as possibilidades de abordagem do blog como (hiper)gênero discursivo. Independentemente do tipo de atividade didática proposta para a introdução do tema, o mais importante, em nosso entendimento, é privilegiar uma perspectiva que compreenda seu hibridismo e dinamicidade e que explore suas possibilidades enunciativas.

6. Considerações finais

Neste trabalho foi possível apontar algumas características do blog a partir de sua origem e popularização, bem como justificar uma análise que o trate como um hipergênero discursivo, nos termos de Bonini (2003, 2011a, 2011b). A localização do blog em um contínuo que vai do gênero ao suporte nos parece a melhor alternativa para contemplar o caráter heterogêneo e dinâmico que marcam as ações desenvolvidas nesse gênero digital.

Assim, com base na premissa de Marcuschi (2011, p. 31) de que o ensino pautado em gêneros deve voltar-se – ainda que apenas em um primeiro momento – menos para os gêneros “mais poderosos” e mais para a realidade do aluno, defendemos a inserção do hipergênero blog no rol de assuntos contemplados pelo currículo de Língua Portuguesa, segundo uma perspectiva que priorize sua heterogeneidade enunciativa.

As propostas de abordagem do assunto apresentadas aqui constituem apenas alguns guias para o desenvolvimento de atividades de ensino concretas que explorem a diversidade temática, semiótica e enunciativa desse gênero tão rico e multifacetado quanto os sujeitos que dele se utilizam para materializar suas ações na sociedade.

Referências

AMORIM, R.; VIEIRA, E. Blogs: os novos campeões de audiência. *Época*, Rio de Janeiro, n. 428, 6 ago. 2006. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDG74912-5990-428,00.html>>. Acesso em: 22 jul. 2015.

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1979.

_____. 1953. *Estética da criação verbal*. Tradução de M. E. Galvão Gomes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BONINI, A. Veículo de comunicação e gênero textual: noções conflitantes. *Delta*, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 65-89, 2003.

_____. Jornal escolar: gêneros e letramento midiático no ensino-aprendizagem de linguagem. *RBLA*, Belo Horizonte, v. 11, n. 1, p. 149-175, 2011a.

_____. Mídia/suporte e hipergênero: os gêneros textuais e suas relações. *RBLA*, Belo Horizonte, v. 11, n. 3, p. 679-704, 2011b.

DIONÍSIO, A. P. Gêneros textuais e multimodalidade. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (orgs.). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. 4. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p. 137-152.

GUARNIERI, G. Novidade: blog planner. *Morando sozinha*, 15 jul. 2015. Disponível em: <<http://morandosozinha.com.br/meu-planner-2015-itens-de-papelaria/>>. Acesso em 15 jul. 2015.

KOMESU, F. C. *Entre o público e o privado: um jogo enunciativo na constituição do escrevente de blogs da internet*. 2005. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010a. p. 15-80.

_____. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. *Gêneros textuais e ensino*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010b. p. 19-38.

_____. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZA, B.; BRITO, K. S. (orgs.). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. 4. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p. 17-31.

MILLER, C. R. Rhetorical community: the cultural basis of genre. In: FREEDMAN, A.; MEDWAY, P. (orgs.). *Genre and the new rhetoric*. London: Taylor & Francis, 1994. p. 67-78.

PIMENTEL, C. *Blog: da internet à sala de aula*. 2010. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

PINTON, F. M.; REISDORFER, C. S.; HEINECK, F. Gêneros discursivos na educação básica: uma proposta de abordagem pedagógica. *Entretextos*, Londrina, v. 13, n. 2, p. 167-185, jul./dez. 2013.

QUINTELA, F. B. *Maldade destilada*, 25 fev. 2015. Disponível em: <<https://maldadedestilada.wordpress.com/2015/02/25/brazuela/>>. Acesso em 20 jul. 2015.

SCHITTINE, D. *Blog: comunicação e escrita íntima na internet*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

VIEIRA, J. Globalização e tecnologias: uma perspectiva multimodal da linguagem. In: VIEIRA, J.; SILVESTRE, C. *Introdução à multimodalidade: contribuições da gramática sistêmico-funcional, análise de discurso crítica e semiótica social*. Brasília: J. Antunes Vieira, 2015. p. 15-40.

Recebido em 14 de maio de 2016.

Aprovado em 20 de julho de 2016.